



Caça-minas "Roberto Ivens"

Madrugada de inícios de Julho de 1917, o comandante do UC-54, Kapitänleutnant Heinrich Reuß zu Köstritz dá ordens à tripulação para iniciar a parte mais sensível da missão, a colocação de um cordão de minas navais ao largo da embocadura do Tejo. Trata-se de uma zona de grande tráfego marítimo. O comandante acredita que terá sucesso, além disso, o UC-54 é um submarino construído para este tipo de missões, as 18 minas que transporta foram colocadas, em cadeia, sem problemas de maior e sem oposição da pífia Armada portuguesa.

26 de Julho de 1917 - o comandante do caça-minas "Roberto Ivens", Primeiro Tenente, Raul Cascais, dá ordens à sua tripulação para iniciar as operações de rocega na barra do rio Tejo. Existem notícias de submarinos alemães a operar próximo da área entre a foz do Sado e do Tejo, suspeitas adensadas pelo duvidoso afundamento do veleiro "Loanda" no passado dia 13, próximo da costa, ao Cabo da Roca. O "Roberto Ivens" é uma embarcação colocada ao serviço da Armada, por força do estado de guerra, tratando-se originalmente de um arrastão de fabrico inglês, que em tempo de paz encontrava ao serviço da "Sociedade de Pescas a Vapor", sob o nome "Lordelo".

Pelas 15.15 horas, desse fatídico dia, a explosão inopinada é sentida em Lisboa, esventra a infeliz embarcação que se afunda rapidamente, os sete sobreviventes são recolhidos pelo rebocador "Bérrio", que afortunadamente se encontrava a acompanhar a missão, todos os outros se perdem.

Em Julho de 1917, a Grande Guerra parece não ter fim à vista, o espectáculo sórdido de mortandade prossegue em todas as frentes, seja na frente oriental com a ofensiva alemã no leste da Galícia, na frente ocidental com a ofensiva aliada na saliente de Ypres, e mais longe com os ataques ingleses em Ramadi, na Mesopotâmia. Milhares e milhares de mortos, estropiados, feridos, gaseados vão-se acumulando em listagens de nomes anónimos.

O "Roberto Ivens" é um mero incidente, totalmente marginal, num teatro de operações absolutamente periférico na geografia de morte da guerra. É, no entanto, para as famílias dos que se perderam, absolutamente devastador.

Difícilmente perpassa pelo rol de certidões, declarações, ofícios, certificados, informações que constituem os Processos de Pensão de Preço de Sangue, todo o sofrimento provocado às esposas, filhos, mães dos homens do “Roberto Ivens”.

O “Altar da Pátria” exigia heróis e, na ausência destes, Mártires. Ainda melhor! O episódio foi utilizado pelo jovem regime para, na fornalha das emoções, forjar sentido patriótico nas gentes e ódio ao inimigo, perfeito!

Mas, para as famílias de:

Raul Alexandre Cascais – Capitão-Tenente

Júlio Ricardo – 1.º Artilheiro

Anselmo Duarte Carvalho – Cabo da Armada

António José Afonso – Cabo da Armada (póstumo)

Gabriel Pereira – Cabo da Armada

Domingos Gomes Dá-Pão – 2.º Marinheiro

José Joaquim dos Santos – Cabo da Armada

Jaime Constantino – 1.º Sargento de Máquinas

Narciso Bento António – Guarda Marinha

Américo Fernandes Ribeiro – Chegador Graduado

Domingos José Alves – 2.º Marinheiro

Alexandre dos Santos Godinho – 2.º Marinheiro (sem processo de Pensão)

Francisco de Matos Moleiro – 1.º Grumete (sem processo de Pensão)

António Simões – Sargento-Ajudante de Máquinas (sem processo de Pensão)

Joaquim Bento – 2.º Fogueiro (sem processo de Pensão)

apenas ficaram as recordações e a infelicidade de uma vida interrompida cedo de mais.

Nota:

O Kapitänleutnant Heinrich Reuß zu Köstritz sobrevive à guerra e abandona a Marinha alemã em Março de 1921, tendo terminado a carreira militar com 14 navios afundados. Falece, pacificamente, em 1964 aos 76 anos, em Garmish-Partenkirchen, Alemanha.

O submarino UC-54, entretanto cedido pela Alemanha à Marinha austro-húngara, é abatido ao activo em Trieste (então a principal base naval austro-húngara, actual Itália), a 28 de Outubro de 1918.

Em 2015 foram “redescobertos” e identificados os destroços do “Roberto Ivens”, a 4 milhas náuticas a sul da entrada da barra do porto de Lisboa. A partir de 26 de Julho de 2017, precisamente 100 anos após a tragédia, o achado ficou sob protecção da Convenção da UNESCO sobre Património Cultural Subaquático.

*Paulo Pereira*